

De um diário velho,

Arredo tudo isto, toda esta paladada. Que dia!

Esta casa é sempre húmida. Chego a tempo de abrir todas as janelas. Mas que sol! Há tempos, vai fazer um ano, quando andei adoentada, tinha a impressão exultante de que o mundo me pertencia e me podia escapar... Era uma impressão pouco explicável. In pelas ruas sentindo-me delas, inseparável delas, e preocupada com a ideia de que tudo pudesse deixar de assim ser, que outros me substituíssem, que a vida nos lugares velhos em que eu me sentia assinalada e fixa, mudasse, aceitasse quem viesse, se renovasse. Era a triste noção de passar e deixar, de deixar para os outros... mas indevidamente, indevidamente! parecia-me. Não sei se esta impressão era nova, deste tempo, se velha e ligeiramente alterada, actualizada. Creio que desde a meninice me sinto defraudada, e na defesa.

//

Vim a pé pelo Atêrro. Abri um livro para descansar.

Trechos selectos dos grandes filósofos contemporâneos

de J. T. NIBAUD
in *Vie et transmutations des Atomes*
VIDA E MATÉRIA

«Não será supérfluo, em primeiro lugar, atenuar a impressão de contraste demasiado viva que se impôs muito tempo entre vida e matéria. Reconhecia-se à matéria viva caracteres que parecia fazer falta à matéria inerte: individualidade da célula, evolução encaminhando-a fatalmente para a destruição, intervenção do tempo como elemento fundamental. Era fácil opôr a célula viva, activa, sensível, mortal, ao grão de areia, imutável juguete das forças exteriores apenas, o vento ou o mar.

«A realidade é bastante diferente: uma análise extremamente avançada da estrutura da matéria conduziu a distinguir nesta última seres minúsculos, os átomos, verdadeiras células materiais dotadas de autonomia, como as células vivas, e rede de incessantes trocas com a ambiência. Analogia mais interessante ainda: esta célula material, submetida por seu turno à acção do tempo, pode igualmente evoluir. Fala-se assim hoje da «duração de vida» de um átomo dado. Esta última é de resto muito variável segundo as espécies atómicas. Um átomo mais espalhado, o ferro, cálcium, etc.

«Não há grande contraste entre o biólogo espionando ao microscópio os movimentos e as reacções de um organismo vivo e o físico que fotografa na câmara de Wilson as transformações ou a explosão de um átomo. Quando muito, a diferença reside na escala dimensional dos objectos estudados, a mais pequena das células vivas sendo ainda centenas de vezes maior do que o átomo: no grão de poeira há mais átomos do que grãos de areia nos oceanos».

NOTA—Assim, a par e passo que a Metafísica se esforça por impôr e sustentar o antagonismo Vida-Matéria, o progresso das ciências preenche cada vez mais o fôso que as separa. Gradualmente os conceitos objectivos de Vida e Matéria convergem para o mesmo ponto, progressão que não diminui em nada a oposição subjectiva entre os dois conceitos: razão esta da oposição correspondente, a este respeito, entre Metafísica e Ciência. O problema Vida-Matéria não é hoje sensivelmente diverso de outros problemas científicos, e perdê a pouco e pouco o seu carácter metafísico para se reduzir a um problema científico.

O vitalismo, aproxima-se assim da sua falência definitiva, e o neo-vitalismo de Driesch está hoje já abandonado.

Já se sabe que nunca hei-de fazer novelas... é o que este livro me diz. Sei muito pouco da vida alheia e os meus subjectivos olhos empanam e deslustram tudo em que poísam.

Lí apenas o pedaço de uma novela, mas o bastante para achar insuficiente a minha forma de observação. Conclusão: não farei novelas.

Já pelo Atêrro eu vinha pensando o que o momento da leitura depois me confirmou: que o realismo do meu espirito (realismo, é o mais oportuno nome que me acode) se não combina com o imaginismo, a observação e a fantasia dos novelistas. Não façamos oposições, as da obrigação, entre realismo e subjectivismo. Eu disse realismo, e não outra qualquer coisa em ismo! O real é o que é, o que se manifesta. Interior ou exterior, e visto com olhos cerrados, subjectivos, parciais, ou com olhos generalizadores e essencialmente objectivos. Uma novela é toda construída, erguida como graciosa peça de arte. Pode cingir-se á realidade, aos conhecimentos morais e prá-

uticos do seu autor, mas está cheia de invenções, é fictícia, que mais não seja na sua linha de continuidade, na sua orgânica e efeitos psicológicos. A novela, a não ser muito grosseira, nunca é puro decalque da realidade. Tem por si a fantasia e a arte narradora, recreante e compassiva do novelista.

Ora eu, escrevendo ou pensando, não faço senão cingir-me á mais estrita realidade! Sou obsecadamente realista, embora interessada e utilizadora dos processos subjectivos. Mau terreno para a fantasia, portanto, para a novela.

Fomos fazer aquela tal visita, projectada não sei há que tempos. O ar de colegial da Nib, coitada! não é para cerimónias. Mas a cerimónia não é, realmente, o timbre do português? Se lhe tiram com que fica? Nem se entende, será um corpo sem alma.

Antes de a Nib chegar, esta casa parecia transpirar alegria e tristeza, calma e expectativa. Uma suavidade em tudo... nas paredes, nas coisas imóveis... Aqui é que devíamos ter ficado e chamar para cá os outros. Nunca viriam!

Lembro-me da graça com que os estrangeiros se visitavam naquelas terras onde estive. Nenhum protocolo, nenhuma exigência. Um quarto era uma sala e o que cada um dizia bastava ao seu ouvido. Nunca aquelas visitas deixavam cansaço nem despeito.

Quando voltamos da nossa visita dizia-me a Nib: aquêle monte de gente! não notaste que pareciam encurralados? e a dona da casa, era como a de um romance que li. Dizia-lhe a filha, também depois de uma recepção: **Maman, pourquoi fais-tu des compliments en série?**

E eu, o que não dizia á Nib por vergonha, era que todo aquêle ardor, todo aquêle luxo e **entrain** mundano me agradariam muito mais se se convertessem nalguma intimidade. Não me repugna a gente, cansa-me a sua comédia. A' Nib parecia-lhe aquilo caricato, a mim desconsolado.

Mas a Nib sente, tal como eu, a grande secura em que se vive. Que importavam aos daquela casa os nossos dramas? Não os conheciam, mas que os conhecessem! interferir nêles, embora indirectamente, é que lhes pareceria incorrecto, e fatigante!

Mas quem não toma a si uma parte da amargura alheia, se disso tem vontade? Há, no entanto, o correcto e o incorrecto... Despedi-me da Nib, mas sem repisar o assunto, que estava vibrando. Carregar no anedótico ou no sentimental seria indecente.

P O R J O A O

quando em mim, uma avidez velha, incontentada.

//

Os anos e a marcha da inteligência, o afinamento da sua estrutura, não neutralizam nem impersonalizam a sensibilidade.

Nem o mal nem o bem esquecem. O mal, sobretudo! Tanto dura o rancor como o amor.

//

São engraçadas aquelas rapariguinhas! Lá estão elas com as suas amigas á janela. São bonitas e finas. Os lindos dentes da Lena, o seu amável e alegre sorriso... a coquetaria da Linda! Filhas de chauffeur, princesas!

//

O sentimento de plenitude e de calma? Impossível, impossível! Desejado, apenas pressentido.

Mas uma carta, ás vezes, uma conversa, uma companhia, se não nos dão esse sentimento, dão-nos uma espécie de paz do espirito, de repouso, de contentamento. Ficamos com uma vibração de agrado e com a ilusão de mundo aberto...

Solidão! Que é? Pobreza, carência, abandono. Vexame e castigo! Vexame do ser sensível e expansivo. A insuficiência e a sua dor. Insuficiência, realmente!

//

Que impressionada fiquei neste ultimo domingo! O meu descontentamento não é nada, não vale nada. O da Li é tão grande! Vejo-a sem resistência. A sua desordem perturba-me. Mas o seu desejo de vingança é quasi absurdo, é uma espécie de ideia abrupta, derradeira.

Falavamos, sentadas na minha cama, com a menina entre nós duas. Uma vidinha começada... estimaremos que melhor que a nossa. Tanta miséria! Mas o mal de quem parte? Penso muitas vezes que é de nós, da nossa fraqueza e da nossa inconsciência, da insuficiente oposição que fazemos aos outros, da nossa pouca arte ou tacto de premeditação; mas também penso que os fortes e os prudentes chegam a ser vencidos, desmoralizados. Haverá o acaso regendo as vidas?

Depois, na segunda-feira, a Li disse-me em sua casa, querendo compensar-me do seu estado negro da véspera: para ti sou outra. E é, moralmente, muito mais fina, mais comedia que para a maioria dos outros. Mas ser outra, naquêle momento, queria dizer tanta coisa triste! Multiplicidades amargas, paz forçada, desconsolos...

Hoje é quinta. O dia de ontem teve uma hora esquiua e delicada, um momento de sonho cansado. Anoitecia. Passei no corredor e encostei-me á ombreira de uma porta. Veio-me a vontade de dizer, mas a quem? de dizer: olha! vejam com os meus outros olhos...

Uma mulher nasce e morre a dizer destas coisas mentais, provavelmente.

Eu via a cidade a iluminar-se, o cair amoroso, manso da noite... Eu, absolutamente só! En-

preambular de outro

F A L C O

costada áquela ombreira, devia ser a figura da insegurança e do despeito, eternos. Corria a vida, dava sinais de si, por lugares que me escapavam. Qual era a minha vontade? Recomeçá-la ou negá-la? A minha unica vontade era de inutilmente chorar, de me cansar.

Aquelas luzes, cada vez mais brilhantes, a acompanhar-me de longe, friamente...

Uma mulher, um ser integro e vivo, encostado como um morto á ombreira de uma porta... Longe as correspondências, longe tudo que era vida! Longe, impossível!

//

Este escritor interessa-me muito. Chego a sentir prazer de êle não ser de lingua estrangeira, e de lhe conhecer a obra. Estas duas circunstâncias juntaram-se para meu gôso e meu proveito.

Que encantos tem para mim a sua arte! E' nova, jovem, vigorosa e pessoal, parece que começa com êle. E' carnal, viva, estranha á preocupação e deformação metafísicas, embora dada á curiosidade mental do próprio psiquiatrismo do espirito. Curiosidade que não afecta o teatro material e até sentimental da obra literária. Esta paisagem, êstes lugares de vida descritos por êste escritor, sobriamente, com poucas imagens, tem uma localização vibrante. São do Brasil, mas apesar disso universais. E' um bocado da terra, que por efeito de uma visão observadora e apaixonada, todos nós podemos deavassar, sem nêle nos sentirmos estranhos, incompreensivos.

Poucas coisas de natureza artística me têm impressionado como a obra dêste homem. O seu espirito anima de modo particular os seus assuntos, não é rígido mas é nítido, dá-me a impressão de virilizar a sensibilidade, até a doentia. Apreciei-o nos seus primeiros romances e muitissimo neste ultimo. Não anda de roda da vida material e das paixões, crava-se nelas, com firmeza e piedade. Grande mestre! pensei dele há três anos já.

//

Fui com a I. ao teatro. Ela, como é inteligente, lembrava-se de problemas que o teatro e a música, isolados, ou combinados, suscitam. Queria evocá-los agora, mas não posso... Só me lembro que êles revolviam uma espécie de pleitos antiquíssimos, eternos. Como me sinto adoentada e como se gastou dinheiro, que pode fazer falta, dizia-me a I. há bocado que, a despeito de tudo, a impressão da música é uma coisa boa, uma coisa que se guarda ou se sente durante algum tempo. Tem razão. Tivemos uma espécie de banho de música, uma insinuação um pouco duradora, de sons amáveis e correctos, suaves. Mas tanta gente nova! Outra geração. Eu vejo-me já entre os de uma geração que se rarefaz um pouco. Que diminui, de facto. Antigamente, quando me via no meio de multidões tinha outras sensações, embora nunca de bem estar. Ontem surpreendi-me com esta: novas gerações, novas gerações... Aliás, sensação não original.

//

Em cada dia que passa, em plácida e desconfortada continuidade, me sinto mais lúcida e reservada. E serena. O que escrevo, de modo inquieto, não tem grande nem profunda significação. E' uma forma a rejeitar, quando puder, de satisfazer as minhas velhas fraquezas, os meus esgotados dissabores. Convivendo com outros, porém, sou prudente e intimamente sossegada. Seco; esqueço o gôsto do entusiasmo e as suas depressões? Caminho...

Digo isto e lembro-me dos olhos de certa senhora. Também dizem, ou diziam, que tinham caminhado e que descansavam. Apesar do seu leve tic de mobilidade e de desconfiança, do seu mover atento nas órbitas muito redondas. Tinham tido um grande reinado de preocupações, começavam a descansar, a lembrar aos outros o valor da serenidade, e até da prudência.

//

Difícil, difícil! Mas êste cair da tarde, êste domingos sucessivos... Já tantos, nesta casa! A luz que se vai sumindo, a rapaziada dêstes sítios, um dedilhar de cordas...

Podia ter sido outro o curso da minha vida, pois podia.

Porque me impaciente ainda eu, de vez em quando? Deselegantemente, contra o meu próprio entendimento!

Se eu claramente conheço os meandros dos que comigo convivem! Se tudo dêles me é transparente, justificado, maneável! Porque me hei-de eu render à sua irritabilidade, secundá-la, em vez de inteligentemente a admitir e deixar esgotar-se?

Hoje, creio que já não posso aquêle incontentante poder de amor e de efusão interior, exaltada, que redobrava as qualidades dos outros. Mas creio que sei apreciá-las melhor, mais estritamente.

//

O Lins do Rêgo agrada-me, francamente. Grande mestre! torno a dizer. Dá-nos as impossíveis lições dos grandes artistas, as que se não podem tomar. Mostra um padrão, uma criação literária nova, e por isso inimitável.

O objecto e os locais dos seus romances são circunscritos, mas a sua consciência da moral do homem é ampla. E' pequeno o seu campo de referências, mas fundo, não superficial.

E acho-lhe o encanto do não historicismo. O nosso romance, o europeu, desdobra-se geralmente num historicismo informador, numa espécie de narrativa retrospectiva de vidas, lugares e civilizações. Este torna-as num tempo, e á roda daquêle tempo, presente, imediato, se espalha. Também noto que não cultiva o espirito de resistência, de critica opcionista do romancista europeu. Não tem literariedade, um sentido partidarista, filosófico ou político. E' um escritor ingénuo, mas vigoroso. Presente-se que é socialista, quasi territorialmente socialista, simpatisante de uma moral mais suave e mais generosa que a que vê praticar, terno para a fraqueza e para a

miséria, mas não é visceralmente um revoltado e um combativo. E' um artista observador.

Há ditos, notas ligeiras de critica nos seus romances, que para mim valem... não sei dizer o quê! Uma subtil critica ao Eça, no **Banguê**, por exemplo. A um tipo romantico forjado por um realista... Outra, repetida em dois ou três dos seus romances, sobre o pouco efeito das leituras sobre um leitor que o meio excitou e adormenta; o papel secundário da vida mentalizada sobre os seres naturais e as situações primitivas ou rudés.

//

Esta carta com cheiro de violetas... Não é inocente? Mas a I. é terrível! De uma malícia cruel. Estava aqui quando ela veio, cheirou-a e troçou-a. Os seus sentimentos são indecentes, já lho tenho dito, excessivos.

Eu sei que nesta malícia há curiosidade e benevolência, apesar de tudo. Esta malícia que vem quasi do seu nascimento e da sua terra, da sua gente.

//

Olhei aquela mulher vestida de veludo preto, alta, de boina desabada, de boca vermelhissima, que atravessava o Largo do Corpo Santo, das camionettes para os carros. Estou a vêr o seu pé, a sua elegância...

Do lado de traz, encostado a uma camionette um belo homem novo, de fato de ganga, sorria. Não se achava homem para ela, mas apreciava-a, apontava-a aos outros.

E porque não havia de ser homem para ela? Não era estúpido sentir-se-lhe inferior? E estúpido também que ela se lhe sentisse superior? Coisas que nitidamente se notavam.

//

A Cadê apeou-se do carro em que vinhamos. Ficou a Lidia,

muito encolhidinha a um canto, para me não cumprimentar. Coitada! Deve-me uma reprovação, que me não perdoa; quem me não perdoa é a mãe dela, uma megera enfeitada.

Mas a Cadê, só por grosseiria é que se esquiua também á pequena corteza de cabeça. Não é fela, mas não sei que perversidade mole e incaracteristica está com ela, aponta dela. Pinta-se um bocadinho menos que há dois anos.

Continuêi no carro. A um primeiro pensamento segue-se, junta-se isto e aquilo... e isto e aquilo, a seguir, o torce, o contrário... No comêço da rua Augusta, cá em baixo, um mulher espalhafatosa atravessava a rua; outra, mais acima andava pretensiosamente a flectir os joelhos sobre a saia estreita; outra, gorda, entrava para uma loja, ginguando sobre os calcanhares. E eu, pensando: julgam elas que a vida é só isto, só esta farçada, esta comédia dos agrados...

Mas, já na rua de Santo Antão, vejo uma espécie de cabeça de peru, de galinha de pescoço pelado, a emergir de outras cabeças que me precediam. E pareceu-me tão horrenda aquela figura, tão disparatada, que pensei: porque se não enfeita ela, porque se não disfarça?

//

Leio e registro esta frase de P. Hamp: **c'est celui qui a quelque chose é dire qui a triomphe et non pas celui qui a á habitude de dire**. Mas não me parece verdadeira, ou pelo menos incondicional tal frase. Pode-se assim rebater tão categoricamente a construção, a técnica?

O hábito da construção romanesca, e até da filosófica, a perfeição formal a que êste hábito pode conduzir, têm de facto tão pouca importância? Influem tão pouco no valor geral de uma obra?

DESERTO

por MANUEL FILIPE

Deserto da minha vida,
Longe de mim a brilhar...

Sou cêguinho do Deserto
Nos meus olhos encoberto,
Sempre tão longe de mim...

Longo Deserto sem fim...

Meu destino é como o vento
Que arrasta o navegante
Nas incertezas do mar.

(Eu sou aquêle cavaleiro andante
Que por mim passou,
Perdido no Mistério, fulgurante,
E não parou).

Outros sóis, outros espaços
Quero trilhar!
P'ra onde, não o saberão meus passos,
Nem eu sei qual será o meu intento...

Pobre de mim!
Quanto mais vou para diante
Mais me afasto de mim...

—Longo Deserto sem fim...